

Salomão Rovedo

6 rocks matutos  
&  
1 romance rasgado



Sambarrancho  
do  
Bar Jangadeiro

Rio de Janeiro  
2006

# Livro 1

## 6 rocks matutos & 1 romance rasgado

1ª edição 1992

1ª edição e-book 2006

Para dois amigos

1: Beth – para ler e gostar(de novo)!

2: Pontes – cadê a viola de entremeio?

# Livro 2

## Sambarrancho do Bar Jangadeiro

1ª edição 1992 (Versão 1991)

1ª edição e-book 2006

Para os amigos do Bar Jangadeiro dos anos '80

Capa: xilogravura de Erivaldo

<http://www.ablc.com.br/gravuristas/gravuristas.htm>

# Os rocks matutos

1

Ô Betinha

Não agüento apartamento  
Nem fumaça nem barulho  
Que hoje tem em Belo  
Vida besta, ô.

Ô Betinha

Tou largando essa vida  
Vou comprar uma picape  
E fugir pro interiô  
Vida mole, ô.

Ô Betinha

Vou erguer uma casinha  
Vou plantar um roçadinho  
Nas terras de meu avô  
Vida dura, ô.

Ô Betinha

E esquecido deste mundo  
Vou cantar com passarinho  
As tristezas do amor  
Vida curta, ô.

Ô Betinha

E num dia de chuvisco  
Deixo a rede me levar  
Pro braço de nosso sinhô  
Vida Ingrata

Ô Betinha

– Betinha faz a fogueira  
Que o tempo tá esfriando.

Acampado na areia branca  
Nas margens calmas do rio  
A brisa perpassa de leve  
Trazendo com ela o frio.

– Betinha traz essa lenha  
Tou todo me arrepiando.

Ouvindo o pio da coruja  
Trespasar a escuridão  
Enquanto a lua de prata  
Cega a vista num clarão.

– Betinha acende o fogo  
Meu beijo tá tremelicando.

Como um canto que embala  
O berço da natureza  
Daqui ouço o murmúrio  
Da cascatinha lá longe.

– Betinha faz a fogueira  
Que a noite tá regelando.

– Betinha não trouxe a lenha  
Mas chegou se esfregando

– Betinha..... a lenha...  
..... tou já me arrepiando.

O corpo nu de Betinha  
Aos poucos foi me esquentando.

– Betinha..... esse fogo...  
..... beijo tremelicando.

Nas águas mornas do rio  
Nós fomos escorregando.

– Betinha..... a fogueira...  
..... tempo ..... ferventando.

\*\*\*\*\*

Amando que nem dois botos  
Agarrados nós dois gozamos...

– Betinha apaga esse fogo  
Que já tou todo suando!

\*\*\*\*\*

Quando vi aquele mundo  
Botei o pé na estrada  
O mato verde sem fim  
Com sua força danada  
Atirava mil feitiços  
Me pedindo pra ficar.

– Era Betinha encarnada  
Me atentando com o olhar.

Pra todo lado que eu ia  
Era mato verde e sossego  
Misteriosa magia  
Seqüestrando minha alma  
Um mundo de fantasia  
Serenidade e calma.

– Betinha me atiçava  
Com seu jeito de falar.

Pra não voltar pra cidade  
Finquei os pés na ilusão  
Até que as raízes de carne  
Penetrem com força no chão  
Fico aqui sorvendo as águas  
Das torneiras do sertão.

– Betinha surge dos rios  
Me tentando a mergulhar.

Nem sei se sou gente ou bicho  
Se sou a raiz nem se sou o mato  
Posso até ser gota d'água  
A flor ou um fruto farto  
Só sei que minhas sementes  
Já brotam ao derredor.

– Era a uiara Betinha  
Me seduzindo a amar.

Quando revi aquele mundo  
Disse “Esse que é meu lugar”  
O mato – o verde sem fim  
A eterna magia do luar  
Abrigavam mil feitiços  
Me obrigando a ficar.

\*\*\*\*\*

Betinha tomou uns goles  
E logo se pôs a cantar

Invadindo a natureza  
Sem igual no seu lugar.

– Gente vê que beleza  
O sol nascendo no ocaso!

Assim castigava a viola  
Ilustrando o louco causo.

– Bois cantam no poleiro  
Galos pastam na campina!

A viola mais que geme  
Lacrimosa a cada acorde.

– A sabiá laranjeira canta  
Canta e fala a noite inteira!

Outra vez a viola é agredida  
Mas não perde a realza.

– A onça pintada latindo  
Deixa arisca a galinhada!

Pra terminar com tristeza  
Essa estranha violaria.

– Vem pra cá lua escondida  
Vem iluminar toda poesia!

A viola em louca gemedeira  
Encerra toda igual disfunção.

(Betinha com amor e sede  
pousa o corpo na minha rede).



Betinha o som da viola  
Lá longe cheio de graça  
É de uma roda de canto  
No banco daquela praça.

Debaixo do pequizeiro  
Se forma logo uma troça  
Daqueles que por amor  
Andam largados na fossa.

O som ganha o terreiro  
E pela gente perpassa  
Doído, canoro, plangente  
Uma leve brisa que passa.

Mesmo o mais duro coração  
Resistir não há quem possa  
Às tolas cantigas de amor  
Que o amor antigo remoça.

O repinicado da viola  
Pede que um brinde se faça  
Àqueles amores infinitos  
Com o tinir de duas taças.

Betinha o som da viola  
Igualzinho ao teu abraço  
É como reclame de amor  
Que com amor eu te faço.

\*\*\*\*\*

Quando cheguei lá na roça  
O tempo tava gostoso  
Queijo de coalho fresquinho  
Um lombinho saboroso  
Muitos amigos proseando  
E a Betinha me assuntando  
Com aquele olhar dengoso.

– Que pena me dá, Betinha ,  
logo logo eu vou simbora...

A turma me recebeu  
Com viola e cantoria  
Uma pinga de cabaça  
Inspiração e alegria  
Muito abraço apertado  
E torresminho salgado  
Que a Betinha fazia.

– As horas ‘tão se passando  
e com tristeza vou mimbora...

A lua banhava um luar  
iluminando o terreiro  
Betinha pediu silêncio  
E “sol menor” ao violeiro  
Com uma voz maviosa  
Uma cançoneta amorosa  
Que tinha um alvo certo.

– Não chora Betinha – eu fico  
mas amanhã eu vou simbora...

\*\*\*\*\*

Comprei um sítio na estrada  
Botei vacas no curral  
Passarinhos na gaiola  
Uns pintinhos no quintal  
Betinha não desgrudava  
E toda alegre me ajudava  
Com as roupas no varal.

– Mais dia menos dia Betinha  
eu tenho que ir mimbora...

Na rede o bebê chorava  
Um choro de arrepiar  
O cachorro latia feroso  
Pra garotada alegrar  
No aconchego do quarto  
Betinha dá o peito farto  
Pro nosso neném mamar.

– Ê vida marvada Betinha  
assim nunca eu vou simbora...

\*\*\*\*\*

# e o romance rasgado

Me deu uma dor no meu peito

Quando Betinha partiu.

Disse o doutor

– Não tem jeito!

O estrago já tá feito.

– Coisa assim nunca se viu!

Rio de Janeiro, Cachambi,  
9 de julho de 1992.

# Sambarrancho do Bar Jangadeiro

## I

Outono dos mundos feridos, monopólio das mágoas, subsolo dos invernos,  
sob o sovaco do Cristo Redentor, nas faldas da Praça General Osório,  
principelhos fúfios namoram nas areias da Ipanema macanuda.

\*\*\*

Folhas secas, amendoeiras, trilhas retilíneas, são molduras maldizentes das  
favelas, naco saboroso de ovação, pedacinho de apoteose, palco de areias  
pardas e águas verdes, onde naufragam galeões e paquetes, aonde a velha  
jangada vinda do Ceará foi notícia no O Cruzeiro, atracou heroicamente por  
mares nunca dantes navegados antes de regressar à praia de Iracema!

\*\*\*

Sótão da primavera onde velhos marinheiros, transidos e melancólicos pelas  
ondas do mar, antecipam a morte no beliche, truplicam nos destroços  
carcomidos pela ferrugem.

\*\*\*

Ali se pode ainda ser livre, mentir e desmentir, insultar e ser xingado, amar  
plenamente e plenamente amar. Alex repousa suas belas irresponsabilidades.

\*\*\*

Mucama de pele branca, sereia de rio, animal de rio, uiara de rio. Fero olhar  
manso das mais amantes. Sirena maquiada de sardas feiticeiras, flecha as  
tardes dos corações outono.

\*\*\*

Caso de eterno zumbaiar, mágica mancebia, impecável mundícia sentimental,  
pureza d'alma – diria – para ser louvada a cantigas e mil loas.

## II

Como quem pede amor,  
Vibra mais uma canção,  
Reflexos de mansidão  
Dos olhos vidros de Alex.

– Verdes olhos vítreos.

O rito do lábio em riste  
Manchas de iogurte diet  
Eis a estética de Alex  
Vestida de sol poente.

– Despida das ipanemas.

Alex é impossível não amar!  
Água salobra das lagoas  
Descanso de fim de jornada  
Os ombros varando os céus.

– Ombros do céu e do mar.

Não duvido desses olhos  
Cheios de eterna frescura  
Das heranças de feitiços  
Não duvido desses vícios.

– Assoma brandura e calma.

Não duvido desses beijos  
Não, Alex, indivisível abraço  
Não divido o carinho atento  
Emboscado em teu regaço.

\*\*\*

– Tanta leveza – Alex...

### III

Nas paredes do Bar Jangadeiro as marcas sensitivas estão registradas. Nelas se desenhou tantos grafitos das almas, quanto as pegadas do mesmo chão.

\*\*\*

Em cada traço gotas de sede e fome – fome e sede de liberdade, dias de cicios, cochichos sussurros, mistérios. Signos secretos que marcam e desmarcam vidas, onde se pede o vício, o verso, o pó.

\*\*\*

Os espelhos do Bar Jangadeiro refletem o caos da copa, copos de chope e som de fritura, ruídos de talheres, sons da cozinha, cheiro do banheiro sem grafites, desenhos, palavrões, desejos escusos, insuspeitos, palmas pra revolução.

\*\*\*

Jaguar sente falta dos amigos. Estão em outra. Numa boa. Ou numa de pior. Por isso vive execrando sombras o inventor do feijão garni.

\*\*\*

Lembra Vinícius exilado da própria Ipanema e do próprio Leblon onde jamais foi nem fez parceria com Toquinho?

\*\*\*

É quando o chope vence o corpo que misteriosas visagens, miragens, almas desérticas, assombram a vista e tornam a alma transparente.

\*\*\*

Parece um mar tão sereno, mas é nele que navegam tranquilos os blocos de icebergs assassinos, as balas perdidas invisíveis.

\*\*\*

A gente se vê no Bar Jangadeiro!

#### IV

Olha estranho companheiro  
aquele pássaro doente  
– ele vai morrer.

Vê distinto amigo  
aquele menino de rua  
– ele vai morrer.

Mira preclaro colega  
pombos sobrevoam a praça  
– eles vão morrer.

Nota, solitário amigo  
a praia só e suja de lixo  
– ela vai morrer.

Até a mata amiga  
tocos torcidos e negros  
– ela vai morrer.

Cuidado companheiro  
aquele areal já foi rico  
– ele vai morrer.

E o sol o deus-sol  
amigo inextinguível  
– ele vai morrer.

Sol amigo de Ipanema  
não explode nem se deita  
– ele vai morrer.

Até a Pedra da Gávea  
aventuras o sol percorrerá  
  
– ele vai morrer.



## V

De um lado o morro, tema de civilizações mui antigas, de muito batuque e muita cantiga. Do outro lado o mar de areias e sereias. Sem passado, sem futuro – o mar de hoje. Praias todo dia invadidas e banhadas. Atracadoiro de infâncias. Cemitério de infâmias. Derrotas suicidas que derribam ideais das sociedades puritanas. No olho do furacão o Bar Jangadeiro – taba antiga na história da história. Távolas perpendiculares, frequentadores verticais tropeçando no subjetivismo alcoólico – matéria para iniciados.

Aonde atracou o jangadeiro  
viajante do ceará  
encarando todos os demônios  
do mar?

– Em Ipacema.

Vem a areia de Iracema  
com a água de Ipanema  
aventura, ousadia e amor  
misturar?

– Em Ipacema.

Aonde herói vencedor  
sertanejo do mar deixou  
a vida largada e tentou  
voltar?

– Em Ipacema.

Foi assim que nasceu a lenda e fama do lugar perto da areia da praia de Ipanema e esse nome – Bar Jangadeiro – ninguém mais pôde esquecer – era Ipacema!

Ali, com mureta e tudo, entre a praia e o morro, está fundeada a República das Almoas Unificadas, onde se vive tecendo teias de vidas, intrigando o tempo, buscando sabe-se quantas e quais liberdades, confluências históricas, identidade do passado que não quer passar, nem fugir das zonas sombrias da memória.

## VI

Tamanhas implosões, nenhuma definição de fecundidade entre homens, mulheres, sujeitos, amigos, parias do espaço e do tempo aqui agora.

Fumaça, estampido, muita gritaria, a girândola ensurdecadora anuncia: é Carnaval!

O bloco *Simpatia é quase amor* ensaia e avisa que vai sair: é Carnaval!

Campanários de triângulos, afoxés, tamborins: é Carnaval!

Ouro revestido, camisas de mortiço colorido, suor de petróleo: é Carnaval!

O surdo de marcação rodeia a voz declamadora: é Carnaval!

Camisetas de Bali, chapéus de Búzios, lenços de Java: é Carnaval!

O samba corre rasgado. O carro de som ilumina os corpos descamisados: é Carnaval!

Shorts do Hawaii, mulatas de Madureira e algures: é Carnaval!

Não importa, nada importa: é Carnaval!

Os cartazes de alforria e liberdade cospem mil palavras roxas de emoção.

Corpos lilases e amarelos disparam cadenciados no rumo da beira do mar. Véus de nuvens noivam no céu azul translúcido, o sol pepita dourada queima os corpos e segue rumando cada vez mais encarnado lá pelas bandas da Pedra da Gávea.

Saindo do Bar Jangadeiro nesse palco iluminado o *Simpatia é quase amor*, abençoado por Deus Redentor, vai destilar o carnaval de Ipanema, até que a tarde vira noite toscanejando pra lá das fronteiras com o Leblon.

Nada faz perder a animação deslumbrada e sem exemplo.

Vai o bloco coleando as pernas pelas ruas, infatigável, trazendo de volta ao Bar Jangadeiro as fêmeas cada vez mais nuas na desordem dos prazeres carnavais.

## VII

A turista argentina semi-desmaiada, corpo em fadigas descorado, pele agora encarnadinha (desapiedado sol!), pés castigados pelo asfalto quente, bolhas de samba, atraca no Bar Jangadeiro, bem ali, à espera das pizzas de cetim e alho convidando o paladar.

\*\*\*

Garganta ávida, sequiosa como um deserto das mil e uma noites, a turista avança incontida rumo ao chope dourado que corre quilômetros de serpentina para finalmente assomar na tulipa transbordando espuma cadente na bandeja, descobrindo segredos e ardis do chope bem tirado.

São amigos que se encontram pra falar de outras mulheres,

Falam de muitas mulheres os amigos que se encontram.

São amigos que descontam quando falam de mulheres,

E falando de outras mulheres muitos amigos descontam.

São amigos que se encontram pra falar de outros amores.

Falam de muitos amores os amigos que se encontram.

São amigos que se esbarram quando falam de amores

E falando contam dos amores os amigos que se esbarram.

São amigos e se desencantam pra falar de outras paixões,

Falam de tantas paixões os amigos que se desencantam.

São amigos que se encantam a cada nova doida paixão,

Se encantam, se desencantam, amigos que se apaixonam.

\*\*\*

Os amigos se encontram bem ali – no Bar Jangadeiro.

## VIII

Espelho dos milagres é a Bolha – salão de cegos, corpo de cristal que retine e quebra em mil troços disformes – o Bar Jangadeiro é o salão de baile de todos nós notívagos.

\*\*\*

Fogo-fátuo do retilíneo sol-da-meia-noite, luz de farol que não ilumina, anoitecer polar de veio horizontal. O jangadeiro ali aportou uma noite e ali desaguou os feitiços e os feiticeiros.

\*\*\*

Ai dos emigrados, ai dos emigrantes, ai dos vadios – eles são banquetes de feras, parto das selvas de pedra.

\*\*\*

Agora aporta no Bar Jangadeiro os marmanjos dos barcos sem leme, capitães partem, partes marujos, desaportam a cada hora da nau sem rumo, o barco sem vela, a lancha sem motor.

\*\*\*

As moças acenam os lenços brancos e retornam abandonadas às camas banhadas de sangue himenal e luares. O Bar Jangadeiro é o próprio *Bateau Ivre* de corpo e alma, de carne e osso!

\*\*\*

Proa de velhas sereias de madeira, virgem perdidas para sempre, marinheiros destemidos de pele calejada e enrugada pelo sal e sol. Hoje o Bar Jangadeiro nem é mais refúgio, nem mar de destroços.

\*\*\*

Soçobradas vidas encalhadas nos corpos das mulheres e nos copos de chope estraçalham corações, cabeças, almas mentes alheias. Hoje é mar de destroços, refúgio de vidas despedaçadas, este Bar Jangadeiro...

## IX

Como disse Amado Nervo:  
“*Se num mar de brumas caminhamos,  
pelo menos – amemos!  
E talvez não seja em vão!*”

\*\*\*

Sim nós sabemos aonde vamos,  
mas – pelo sim, pelo não – amemos  
amemos num bar de brumas  
ainda que seja mesmo em vão!

\*\*\*

Os véus da amizade abrem-se de vez  
como um leque de beijos e abraços,  
antena parabólica de carícias,  
mesmo que ainda seja em vão!

\*\*\*

Enfim, não pode ser a última,  
a sala de espelhos, cegas aventuras  
às vezes perdem o rumo na Bolha  
e juram que não foi em vão!

\*\*\*

Gente famosa – povinho anônimo,  
cara que desdenhou a fama,  
rosto que a fama largou de lado,  
gente que nasceu, amou, morreu.

\*\*\*

– E jamais terá sido em vão!

X

É tempo da pele se transformar em velame, tecido carcomido pelo tempo,  
encarquilhado pelo peso da irresponsabilidade.

Velhas amizades, antigos namoros nunca desprezados, extravasar a vida sem  
computar o correr das horas.

Ao escorrer do chope alourado, de extravagâncias desrespeitosas.

Ao sussurro dos gritos, escândalos acrobáticos caem por terra.

Os desprovidos de fé, de cútis sem brilho, de alma sem emoção, de olhos sem  
rímel – são corações atirados por aí, esparsos pelo chão, desenhando risinhos  
desprezíveis, de má fé, ódios enrustidos.

Jangadeiro, Bar Jangadeiro  
Vago ponto escorregadiço  
Desmarcando horizontes  
As fronteiras escâncaras.

Bar Jangadeiro, Jangadeiro,  
O chão só e indefinido  
Visível a olhares iniciados  
Linha macia como pelúcia.

Jangadeiro, Bar Jangadeiro,  
Terra áspera, areia fronteira  
Trespagam cotidianamente  
Amantes perdições conhecidas.

Bar Jangadeiro, Ipanema,  
Junho 1991 / fevereiro 1992

#### O autor

Quem sou eu? Meu nome é Salomão Rovedo (1942), tenho formação cultural em São Luis (MA), resido no Rio de Janeiro. Sou escritor e participei de vários movimentos poéticos nas décadas 60/70/80, tempos do mimeógrafo, das bancas na Cinelândia, das manifestações em teatros, bares, praias e espaços públicos.

Tenho textos publicados em: Abertura Poética (Antologia), Walmir Ayala/César de Araújo-CS, Rio de Janeiro, 1975; Tributo (Poesia)-Ed. do Autor, Rio de Janeiro, 1980; 12 Poetas Alternativos (Antologia), Leila Miccolis/Tanussi Cardoso-Trotte, Rio de Janeiro, 1981; Chuva Fina (Antologia), org. Leila Miccolis/Tanussi Cardoso-Trotte, Rio de Janeiro, 1982; Folguedos (Poesia/Folclore), c/Xilogravuras de Marcelo Soares-Ed.dos AA, Rio de Janeiro, 1983; Erótica (Poesia), c/Xilogravuras de Marcelo Soares-Ed. dos AA, Rio de Janeiro, 1984; Livro das Sete Canções (Poesia)-Ed. do Autor, Rio de Janeiro, 1987.

e-books: Porca elegia, poesia (1987), 7 canções, poesia (1987), Ilha, novela (2000), A apaixonada de Beethoven, (2001), Sentimental demais, poesia (2002), Amaricanto, poesia (2003, Arte de criar periquitos, contos (2006, bluesia, poesia (2006), Mel, poesia (2006), Meu caderno de Sylvia Plath, fotos&rascunhos (2006, O sonhador, contos (2006), Sonja Sonrisal, contos (2006), Cervantes, Quixote, etc, artigos (2006, Gardência ou..., romance (2006),

Outras coisinhas: publiquei folhetos de cordel com o pseudo de Sá de João Pessoa; editei o jornalzinho de poesia Poe/r/ta; colaborei esparsamente em: Poema Convidado(USA), La Bicicleta(Chile), Poetica(Uruguai), Alén(Espanha), Jaque(Espanha), Ajedrez 2000(Espanha), O Imparcial(MA), Jornal do Dia(MA), Jornal do Povo(MA), A Toca do (Meu) Poeta (PB), Jornal de Debates(RJ), Opinião(RJ), O Galo(RN), Jornal do País(RJ), DO Leitura(SP), Diário de Corumbá(MS) – e outras ovelhas desgarradas, principalmente pela Internet.

Tenho também e-books disponíveis gratuitamente em vários sites.

Endereço: Rua Basílio de Brito, 28/605-Cachambi-20785-000-Rio de Janeiro Rio de Janeiro Brasil - Tel: +55 21 2201-2604

Foto: Priscila Rovedo



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-Compartilhamento pela mesma licença 2.5 Brazil. Para ver uma cópia desta licença, visite

<http://creativecommons.org/licenses/by-sa/2.5/br/> ou envie uma carta para Creative Commons, 559 Nathan Abbott Way, Stanford, California 94305, USA. Obs: Após a morte do autor os direitos autorais devem retornar para sua filha Priscila Lima Rovedo.